

SOBRE TANCREDO NEVES E SEU CENTENÁRIO DE NASCIMENTO, AINDA...

José Antônio de Ávila Sacramento

Mesmo antes de 1984, quando se iniciou um ativo movimento pelo restabelecimento das eleições diretas no país, Tancredo de Almeida Neves, pelo seu perfil de homem que pregava o entendimento e a conciliação nacional, já era um nome constantemente lembrado para ser o candidato à Presidência da República, em contraposição ao regime militar. Em Tancredo Neves havia uma qualidade bastante visível e que o revelava extremamente conciliador: a mineiridade! Tancredo dizia que *ficava mais feliz quando conseguia um acordo entre partes contrárias que quando vencida um adversário nas urnas.*

Esta tal mineiridade parece se apresentar como um enigma e sob muitas faces; ela seria o resultado da trajetória daqueles que já curtiram com sabedoria todos os estágios da *mineirice*. A mineiridade seria, então, uma espécie de mineirice evoluída e temperada com muito mineirismo, um modo de viver, através do qual aprendemos filtrar essências, a percebermos e sabermos separar o bem do mal, a sermos capaz de avançar sempre, sem cometermos excessos. Creio que um mineiro em estado de plena mineiridade tem os pés bem plantados no chão; ele vive com parcimônia, gasta apenas o necessário e poupa o que considera supérfluo; não se ilude com o êxtase momentâneo, mas faz esforços para prolongar os momentos de prazer para toda a vida. Dizem que um mineiro de verdade não troca os amigos por conhecidos. O espírito de mineiridade pode ser exemplificado através de um popular e muito festejado texto que é bem conhecido e circula há anos por todas estas nossas “muitas Minas”:
ser mineiro é não dizer o que faz e nem o que vai fazer, é fingir que não sabe aquilo que sabe, é falar pouco e escutar muito, é passar por bobo e ser inteligente, é vender queijos e possuir bancos. Um bom mineiro não laça boi com embira, não dá rasteira no vento, não pisa no escuro, não anda no molhado, não estica conversa com estranhos. Só acredita na fumaça quando vê o fogo, só arrisca quando tem certeza, não troca um pássaro na mão por dois voando. Ser mineiro é dizer “uai”, é ser diferente, é ter marca registrada, é ter história. Ser mineiro é ter simplicidade e pureza, humildade e modéstia, coragem e bravura, fidalguia e elegância. Ser mineiro é ser apaixonado pelo nascer do sol e o brilhar da lua, é ouvir o cantar dos pássaros e o mugir do gado, é sentir o despertar do tempo e o amanhecer da vida. Ser mineiro é ser religioso e conservador, é cultivar as letras e artes, é ser poeta e literato, é gostar de política e amar acima de tudo a liberdade, é viver nas montanhas, é ter vida interior, é ser gente.

Dizem que não há outro estado brasileiro, além de Minas Gerais, que represente tão bem a síntese nacional. Portanto, aprender a ser liderança em Minas é um contínuo exercício de equilíbrio e de reflexão, que transita entre a modernidade e a tradição. Tancredo Neves sentenciou que aqui nas Alterosas “nós vivemos onde termina a riqueza do Sul e começa a pobreza do Norte”. Este fato torna o nosso Estado uma pequena nação, o que já havia sido percebido por certo “João de Cordisburgo”, quando disse que *Minas, são muitas; porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais*. Muitos acham que nós, mineiros, somos um tanto quanto acanhados, tímidos. Mas creio que se enganam quando nos dizem tímidos. Somos apenas prudentes, e, como bem disse o ex-governador e vice-presidente Aureliano Chaves de Mendonça (1929-2003), *a prudência é capacidade de decidir as coisas na hora certa.*

Depois da derrota da emenda Dante de Oliveira (proposta que visava o restabelecimento das eleições direitas, apresentada em 1983, pelo então deputado federal Dante de Oliveira, do PMDB de Mato Grosso), o povo saiu às ruas exigindo o retorno do país à democracia. Resultado de grandes articulações e monumentais manifestações populares, Tancredo acabou mesmo sendo lançado candidato à presidência, representando uma grande coligação de partidos de oposição, tendo a José Sarney como vice.

Foi um tanto quanto intranquã a fase política da preparação da candidatura presidencial oposicionista. Constantemente apareciam provocações direitistas e notícias de articulações golpistas; circulavam boatos e ameaças veladas ao processo sucessório, as quais poderiam prejudicar a ascensão de Tancredo à presidência. Inquietos com a situação, alguns assessores de Tancredo ficavam em plena vigilância e estavam bastante precavidos. Mesmo com as garantias do então Ministro do Exército (Walter Pires) e do ex-presidente Ernesto Geisel de que não haveria problemas sucessórios caso Tancredo fosse eleito, havia um plano secreto, arquitetado nos bastidores, para blindar a Tancredo e contra o possível golpe que não se concretizou. Segundo Augusto Nunes (in: “Os Grandes Líderes – Tancredo”, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1988, páginas 82-83), alguns cuidados foram tomados: *ainda assim [a despeito da garantia de que não haveria percalços na sucessão presidencial], os estrategistas da campanha de Tancredo Neves julgavam necessário montar um plano para tirá-lo de Brasília a qualquer custo caso fosse desencadeado um golpe militar. Para eles, era certo que, se isso ocorresse, entre os golpistas estaria o general Newton Cruz, comandante militar do Planalto, conhecido por suas posições ultradireitistas. O plano foi minuciosamente esculpido. Ao menor sinal de perigo, Tancredo deveria sair de onde estivesse e dirigir-se para o Congresso. Ali, entraria no gabinete do senador paulista Severo Gomes, localizado num corredor com saída para a rua, onde estaria a esperá-lo um furgão 408-D, alugado a uma empresa de transporte, que tomaria a estrada rumo à cidade goiana de Unai (sic)¹. No quilômetro 40 dessa estrada, onde começa uma reta que se estende por quase 5000 metros, Tancredo subiria a bordo de um bimotor com seis lugares e voaria até Patos de Minas. Nessa cidade, em outro avião ou no mesmo bimotor reabastecido, o candidato seguiria rumo a São Paulo, Belo Horizonte ou Curitiba. Onde Tancredo descesse, começaria a resistência ao golpe. Segundo a revista Veja, que o divulgou, o plano foi elaborado pelo coronel da reserva Kurt Pessek, ex-assistente do general Hugo de Abreu na chefia do Gabinete Militar durante o governo de Ernesto Geisel e então ligado a campanha de Tancredo Neves.*

Afastados perigos e desconfianças, a campanha prosseguiu sem maiores problemas e Tancredo foi eleito presidente, de forma indireta, pelo Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985, derrotando a Paulo Maluf (Tancredo obteve 480 votos, contra 180 de Maluf. Foram registradas 17 abstenções e 09 ausências). Naquele dia 15 de janeiro, em São João del-Rei, assim como em todos os quadrantes do Brasil, aconteceram muitos festejos. A certeza da vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral era tanta que um panfleto circulou antecipadamente na sua terra natal. Nele se lia: *Ao povo de São João del-Rei – Para que a cidade comemore dignamente a eleição de seu mais ilustre filho à Presidência da República, o Prefeito Municipal, Cid Valério, pede que: a) As famílias coloquem panos, colchas ou toalhas verdes e/ou amarelas em suas janelas durante todo o dia 15; b) As escolas de samba e blocos carnavalescos tragam*

¹ O Município de Unai fica em Minas Gerais, não em Goiás.

suas bandeiras, estandartes e baterias para a avenida a fim de saudarmos o voto que dará maioria ao Dr. Tancredo; c) Os clubes desportivos compareçam à avenida com suas bandeiras para realizarmos enorme e festiva passeata em comemoração à vitória; d) As lojas e estabelecimentos do comércio ornamentem suas vitrines em homenagem ao Dr. Tancredo; e) Aqueles que puderem, soltem fogos no momento em que nosso conterrâneo se tornar o Presidente do Brasil; f) O povo compareça em massa ao grande show que acontecerá na avenida, no qual estarão se apresentando artistas famosos; g) Os automóveis e fábricas façam soar suas buzinas e apitos quando se concretizar a vitória. Vamos fazer uma festa digna de Tancredo e da nossa tradição.

Infelizmente, como sabemos, Tancredo morreu sem tomar posse na Presidência da República. Aqui em São João del-Rei, como não poderia deixar de ser, a morte de Tancredo Neves também causou enorme comoção; o corpo dele repousa no cemitério franciscano, sob o epitáfio: *Terra minha amada, tu terás os meus ossos o que será a última identificação do meu ser com este rincão abençoado*. Atualmente, para a nossa satisfação, além das merecidas e pomposas comemorações do centenário do seu nascimento, percebemos que a partir de 04 de março de 2010 uma estátua de Tancredo voltou a ser vista na avenida que o homenageia; no mesmo local, havia uma outra estátua (mais graciosa) em tamanho natural, obra encomendada pelo então prefeito Dr. Gerardo Cid de Castro Valério e que de lá foi retirada quando da última reforma daqueles jardins. Assim, agora, as estátuas do Tiradentes e de Tancredo, dois são-joanenses que morreram em favor de causas nacionais (o primeiro, Mártir da Conjuração Mineira, o segundo, Mártir da Nova República), voltaram a ficar “vis-à-vis”, disposição que é carregada de tácito e patriótico simbolismo.



Detalhes da colocação da nova estátua de Tancredo Neves na Avenida que tem o seu nome, em São João del-Rei – MG, no dia 04 de março de 2010 (fotos de José Antônio de Ávila Sacramento).

NOTA: *versão original deste artigo foi publicada no **Jornal de Minas** – São João del-Rei - MG, Ano X, Edição número 128, de 18 a 24/06/2010, página 2.*